



**POEMAS DE JUVENTUDE – II: O SOCIAL E O
LÍRICO-EXPERIMENTAL**

Querida Cecília,

Outro tema recorrente era o da favela, por motivos óbvios: eu vivia numa rua que dava acesso a uma favela, no início da Tijuca.

“os barracões que dançam o samba
à beira do precipício
são o tom dramático do panorama
guardando em seu casulo o drama
extrato do congo e moçambique”.

Mais adiante:

“antes a favela
abrigava só negros
hoje
os flagelados do nordeste(…)”

Era a tomada de consciência das questões sociais que, com o tempo, passariam a predominar na minha poesia:

“contemplo o mundo
covil imundo”...

Era ainda uma postura ingênua. Hoje [referindo-se a 1964] eu escrevo assim:

“onde há espaço
um barraco.
onde não há,
também:
o favelado provou
que dois volumes

podem ocupar
o mesmo lugar
no espaço”.

Em setembro de 1958 escrevi o esboço daquilo que viria a intitular como “poesia sintético-surrealista”(!!!). Trecho:

“Não direi que sou exatamente contra a poesia concreta. Meu espírito modernista concebe em plenitude tal forma de expressão com grande e especial respeito, entretanto não me satisfaz”.

Sobre Crevel, transcrevendo Ruy Costa Duarte:

“Sua obra continha meio de perfuração das camadas que separavam do meio da família, do burguês, do calmo, de onde provinha, em grande parte, a sua revolta contra tudo e contra todos”.

Destarte, minha vinculação com os surrealistas, como já frisei, era mais espiritual (eu me identificava com a revolta, com a insubmissão), do que do ponto de vista da criação formal.

Juramento ao Surrealismo

Concretizo Paul Éluard
poeta divino
que vive no reino dos versos
sobre os mitos
doutrinando os medíocres,
a revolta de Crevel,
no meu cérebro,
faço juramento de causa,
levantando o pássaro surrealista
até à altura de guia
e adoração
Imortalizarei os meus sonhos,

irei beber da inspiração
na fonte dourada onde
Éluard e Crevel encontraram.
No mar de horas
pescarei o espontâneo
o moderno
farei um poema pelos dois gênios.

Sobre a própria poesia: "Agora apresenta-se numa feição mais acessível, libertada das antigas normas clássicas que lhe restringiam o valor (...). A métrica, a rima, etc., davam elegância e academicismo à poesia, porém eram uma barreira, um empecilho à liberdade das idéias, dos sentimentos. Li, certa vez, com simpatia, um poeta modernista afirmar que os nossos poetas antigos se afogaram num mar de regras e de rimas, fugindo da razão (móvel) central que é a idéia e, por isso, muita coisa foi esquecida ou deixou de ser dita.

Condenava os leitores que absorviam versos "buscando apenas a gracilidade de sua estruturação e harmonia de suas rimas, e não buscavam o conteúdo".

"A Nova Poesia abriu novos horizontes, novas estradas, novas idéias e libertou o poeta das formalidades tolas, fúteis".

"Surgiram também falsas teorias e maus poetas, mas havia-os antes, em maior escala".

Era um garoto preocupado com a forma e conteúdo, buscando pontos de apoio. Absorvia Crevel pelo suicídio e por declarar-se "o especialista da revolta".

Chamava atenção para este "pós-guerra", inclinado às reformas, em todos os âmbitos – "científicos, políticos, sociólogos, industriais". "Ao lado desse grande desenvolvimento científico também as revoluções sociais, as novas ideologias políticas", o observando que tudo

concorreu para destruir tabus, inaugurando uma época transicional-revolucionária. Falava também do surgimento da cibernética... Concluía dizendo que objetivava duas metas [jargão da moda]: "a) uma bela apresentação gráfica; b) uma boa musicalidade". Ou seja, uma diagramação visual nova e um determinado ritmo e/ou sonoridade dos versos. A apresentação gráfica ainda não era estritamente funcional, embora intuitivamente fosse surgindo nesta direção:

NAVE

g a n

do

O exemplo agora parece pueril mas, para o momento em que estava sendo exercitado, significava ruptura e opção por novas formas de trabalho que, se não eram novas de todo, constituíam exercícios inovadores no meu trabalho.

Falava da arquitetura: "um edifício parisiense apresenta-se sem paredes, sustentado por pilotis centrais. Oscar Niemeyer projeta edifícios revolucionários para uma futura nova capital – Brasília, que os franceses consideraram "ville-pilote de l'an 2000" (Arts, 24/30-9.58) e também uma igreja ainda mais audaciosa que a da Pampulha, que tantas polêmicas causou". Citava o ballet concreto, sem bailarinos, com música de Schaeffer. Todos desenvolvimentos das artes e da tecnologia povoavam minha imaginação como, em seu tempo, impactaram os futuristas do início do século. "Em Israel foi apresentada uma composição escrita por Josef Tal, um técnico em eletrônica e executada pelos engenheiros Avner Levy e Abraham Gat", "obtida de osciladores e ressonadores".

Garoto impetuoso, entrava em estado de “desafinação” com Roland, meu amigo de discussões estéticas, que era sempre figurativo. No meu radicalismo infantil, via-o muito “fechado” às novas correntes.

Referia-me à estrutura do poema (out. 58): “é possível que esse poema, embora forte em seu conteúdo, apresente falhas na estruturação”. Eu escrevia versos livres há apenas 3 meses! Era lógico que, abandonando as técnicas antigas que nem chegara a dominar, eu tentasse um técnica nova e segura para não cair no prosaísmo. “Às vezes escrevia meus versos no “sintético-surrealismo” e os reescrevia “concretamente” [referindo-me ao concretismo], ou melhor, sintetizava o texto em substantivos e verbos. Dizia que tal me dava a sensação de que evoluía “buscando um estilo próprio e autóctone, já que ainda me encontro em uma fase de evolução, sem um estilo no qual me defina”.

“Antes de tudo é primordial uma contemplação de arquitetura estética desde o ponto de vista audível. Só depois desse escrutínio poder-se-ia dizer por agradável qualquer forma de expressão, embora contenha em si ainda outras qualidades e defeitos”.

Influenciado por Roland que traduzia ao espanhol os meus versos e os recitava, eu buscava os efeitos sonoros, porém fomos cambiando para a sintetização e isto se deu principalmente quando juntos realizamos as primeiras traduções.

Tédio

Vago de um lado a outro
inerte e vazio
~~em~~ olhos fixos no nada
meus sentidos
~~são~~ nuvens que defumaram
e não tenho vontade
~~de~~ sonhar acordado

~~em~~ a realidade
~~e~~ a fantasia
e cansaço
plantou bandeira no meu corpo
e o tédio
turva ~~os~~ meus olhos.

O poema é "fraco" mas valha o exemplo. Tédio dá a idéia de amargura, enquanto inerte sugere caminhar sem sentido, o que vem a dar no mesmo.

“Sinto vontade de deixar o mundo
que é tolo
e não me compreende,
fazer apenas
o que me agrada
me traz enlevo,
mas quedo inútil,
o polvo solta suas ventosas
guarda-chuva
dominando
tenta alçar vôo
sem ir além
de si.
Os labirintos
me devoram
não há saída.
Aparento
o que não sou
e sou
menos do que desejo ser
num mundo fechado,
sem janelas,
quando existe incompreensão
cáos em toda parte
e asnos nas esquinas”.

quando reuni o necessário
esgotara minha inspiração.

Às vezes pensava no suicídio:

“sou nesta noite
os complexos materiais
o desprezo de teus olhos
-antes, mórbidos, gélidos, então-
tornaram árido
meu sorriso

desintegra
 em mim
os momentos
 já assinados
há vazio
resta o suicídio. [Porto Alegre, 218.1.59]

Sobre o mundo em que eu vivia:

“em volta da fogueira
-em dia de frio-
o chimarrão vai de boca em boca
na confraternização”

Os meus problemas interiores eram ainda maiores. Um dia de chuva:

“vento e chuva
vorazes
rasgando o espaço
tombando árvores
abrindo sulcos, a erosão”.

“raios ciscando os céus”.

Duas idéias fixas: mamãe e minha terra natal. E, sempre, com respeito à mãe, a reprovação pelos seus gritos, em meio a louvações exageradas:

“a saudade
é câncer no meu peito
arrependido”

“ouvir a voz
que aconselha e ralha”.

Sobre a terra natal, idilizada:

“como tantas outras vezes
chuva
desmaia, lânguida, na gleba
o pranto dulce dessa manhã
que respiro
comodamente
traz o perfume de minha terra
-o maranhão”.

Dulce dessa manhã, como se o pranto descesse em forma de manhã chuvosa, o choro do poeta.

“transportei-me
nessa prisão de água”

buscando a minha terra, Bacabal, relacionando a chuva com o rio Mearim que banha a minha cidade e a “tantas cidadezinhas suspensas sobre estacas à beira do rio”. Depois o mar, o mar em que Gonçalves dias naufragou voltando do exílio. A tristeza continuava em “poema negro”:

“os pensamentos
confusos
 desgovernados
viajam a estrada
que se perdia
em horizontal paralela
no infinito
que se fechava para mim
cataclismos”.

Os versos daquele período eram mais discursivos e confessionais.

“reencontramo-nos
sem antes
ter havido um encontro” (...)
“o nosso amor
(existiu longo tempo)
o vivemos nos sonhos
nas noites solitárias
de reclusão”.

De novo, a lembrança:

“eu me sinto pequenino
pés descalços, peito nu
voando quintais de minha infância.”

Uma vez mais o tédio, a angústia existencial:

poema solitário

quadro que respiro
transmite o pólen
no espaço
vibrando as ancas cubanas
desse pensamento

que é margarida?
dispersas asas
dessa solidão azul
na rua de quarteirões
retangulares, retas
horizonte
assim o só
acompanhado
de mil difusas
musas
desenha
painel cotidiano
na profusão
do não
convencional
o qual
os dias, os meses
às vezes
esses anos.”

Neste último poema já dá para perceber certo versejar solto, de idéias dispersas compondo um sentido difuso que depois adoto em trabalhos posteriores. Pautava sobre o mundo interior:

“medo que explode nos olhares
nas fantasias da febre
na transparência das gélidas gotas
de água
que tamborilham o telhado
retoca paisagem interior
crispando o ar de retilíneas nuvens
sentimentais”.

Usava imagens tais como “urge”, “alimentar o tempo”, “não te amo, é certo, busco o passageiro”, “há que colher o máximo, tenho-te a meu

*lado, nada mais existe”, “percorro o rosto com carícia antropófaga”
[antropo – afaga].*

“os cílios longos
recurvados
recostados
no insone que sou eu”.

A insônia, uma constante.

“Gargarejei um éter de palavras
vazias
saltei mil barreiras e fossos
medievais”.

(De “Razão necessidade nova diretriz”)

*Voltamos de carona em caminhões até Curitiba, pela BR que estava
ainda em construção. Em Curitiba dormi, duas vezes – se me lembro
bem- num albergue noturno. Meu colega estava num hospital, com
indícios de pneumonia. Escrevi o poema “plástica estética do
sofrimento incolor”.Aqui vai um trecho:*

“300 homens
descalços
moribundos
1000 mulheres
em farrapos
descabeladas
sem dentes
sem casa
sem pátria
sem carinho
cem nuvens
de pó
cem rosas
sem pétalas
na revoada das gaivotas

se foram
cem crianças
despidas
mil mulheres
sem pudor
sombras
espectros
cruzes de madeira tosca
figas de guiné
fantasmas de carne
criaturas sem forma
imagens etéreas
de misto
esparsos espaços
no laço
do tempo
sem tempo.”

Usava aquilo que no Brasil se chama “palavrapuxapalavra”, isto é, palavras relacionadas, aparentemente sem sentido, unidas pela sonoridade ou associadas frouxamente por idéias. Devido ao ambiente em que eu me desenvolvia e me relacionava, restringia os efeitos técnicos, visando u´a mais pronta comunicação. E devo lembrar também que conservo o costume de ler os meus versos em voz alta, desde os tempos em que comecei a escrever versos livres e os lia para meu amigo Roland Grau. No entanto, às vezes escapavam maneirismos que só têm sentido quando lidos: “es par giram”. E a “sustentação tonal” como a se impor, a evidenciar-se em meu versejar:

“-sílfide dourada-
voa o espaço
no compasso
de Stravinsky...
corpo comprido
estilizado
-metrificado-“

O ano de 59 foi a minha reintegração no Rio de Janeiro e minha reaproximação com Roland Grau. Ampliava os temas de minha poesia, e exercitava poemas de inspiração concretista, sem muita segurança de sua técnica:

LU A
 C R U A
LU A N U A
 C R U A
LU A

Também usava as palavras quase automaticamente, ludicamente, compondo sentidos sem pré-imaginá-los:

“um mar em suicídio
e a lua envergonhada
abraçada no suor existencial”.

E usava símbolos geométricos e cores:

“azul das louras esperanças
pairam no branco do espaço
(o verde)
lição exata
 dos adolescentes”

[Porto Alegre, fev. 59)_

Outra vez a angústia:

metamorfose
desintegração
transparência

sinto-me longe

metamorfoseio tua imagem

sinto-me mais distante
e desintegro, nada sou

tenho-te perto
és transparente
nada vejo
e sinto estares longe
e metamorfoseio,
mais longe ainda
desintegro
nada sou

Começam a consolidar-se os versos curtos, sonoros, onomatopaicos, incisivos:

“voando as plagas esmeraldas
orvalhadas
ouviu o canto sussurrante
que descrente
supôs o mar às praias”

Veja outro exemplo:

Vergastas
no mastro
fagulhas
no trem

marulhas
crispantes
escalas
vibrantes

no mastro
a esperança

no trem

soluçantes
as louras
vendettas
de ópio
de seda
- a cisão.

Veja isto:

“Quisera
estar em todas partes
a uma vez
em teus braços
várias vezes
cada instante”.

Estes poema podem não atingir um alto nível, presos que estão a problemas pessoais, mas já revelam a preocupação com a relação entre conteúdo e forma.

O ano de 1960 começa com a busca das coisas simples:

preciso escrever
um poema de intimidade
às coisas simples
sem moldura, sem palavras retocadas
e grande habilidade

que seja um poema
de liberdade.

Outro poema da mesma época:

o luar
veio, na sua flácida estrutura

visitar-me em meu quarto
estando insone
deixo-me mergulhar
e é com surpresa:
desfila a legião de figuras
apagadas
na sua reafirmação
com imparcialidade
para o reencontro no espelho.

Como pode constatar, as lembranças me torturavam e eu nutria uma estranha timidez frente ao amor, gozando-o "distraído", recolhendo-me na torre de marfim da poesia, e no espelho.

contemplo a cidade
de minha varanda
mergulhada no cinza dessa noite
fresca e calma
o reflexo de suas luzes boêmias
embalsama meus sentidos
e me perco
no labirinto das idéias
sei
de milhares de criaturas
como eu, solitárias
e não lhes posso dar
minha companhia
o meu corpo, se preciso
e um gesto de simpatia
que fazer?

Mais uma vez o luar [eu morava com meus pais numa ladeira de onde se descortinava um deslumbrante cenário do bairro e da montanhas da Tijuca]:

luar pálido
luar flácido
azulíneo
autoprocura
desaponto

nenhum
é todo um
luar sereno
amor sirene

vazio hora
tempo vácuo
luar ninguém

sofrer o reencontro
ideológico]
idiossincrásico
sofrer o nada

Era um sofrimento mais de ordem intelectual que material. Mas acabo afirmando-me materialista:

areia-marfim
o ar salgado
compreende a quietude
pergunto
às silhuetas montanhosas
-cores, cores
mar-espuma
onda-mar:
é fim-de-tarde
o instante
(tênué)
só vale
o estar então?

não reclamo
nada importa
estou presente

Leia mais este:

o todo um
o você no ser assim
o sim de ser o todo
você assim no ser
o todo um

*Começava a fase que eu chamei de **egoerismo**, que analisaremos no próximo caderno, junto com as minhas experiências formais e vocais. Antes, transcreverei três trechos de poemas interessantes por sua imagística:*

“figura disforme e erecta
dispersa e firme a um tempo
clara e multicolor
sentir mil faces decepadas
palmeiras cilíndricas, obesas
dançando o ritmo dos ventos
e acentos trôpegos, insone-alcoolizados
catando dinheiro, roubando, cuspiendo
escarrando e sofrendo
sob
luzes trêmulas, tímidas, túmidas artérias
crateras sinuosas, despóticas
incenso pervertido
ser”

“são setecentas as manhãs
paridas na sucessão

na procissão
de mulheres de coxas de cimento armado
prostitutas abertas
às frustrações do sexo

manhãs cheirando esperma
de noites copulosas, suorentas
homens mal-casados
gigolôs e
fumarenta vertigem dos pileques
dentro dela
(seios murchos, dentes podres)
esqueço-me em sua vagina
sem amá-la”.

“não gosto
de mim
assim
compenetrado

gosto de estar
rebelde, enevoadado
tresloucado
em busca do
não-sei-o-que.